REPRESENTAÇÃO DE PESSOAS ESTRANGEIRAS EM LIVROS DIDÁTICOS DE INGLÊS DE ACORDO COM A VISÃO DE 4 DOCENTES DE LÍNGUA INGLESA

Jessica Martins de Araujo (mestranda/bolsista CAPES), e-mail: jeh09.araujo@gmail.com
Aparecida de Jesus Ferreira (Orientadora), e-mail: aparecidadejesusferreira@gmail.com
Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Estudos da Linguagem.

Linguística, Letras e Artes.

Palavras-chave: identidade, livro didático, inglês, formação.

Resumo

Este trabalho pretende responder a seguinte pergunta “Como os/as professores/as participantes da pesquisa percebem as identidades de pessoas não nativas no livro didático de inglês?” A metodologia utilizada para tanto foram entrevistas de grupo focal. Pode-se concluir que, conforme os/as docentes mencionam, a presença de pessoas estrangeiras no livro didático que eles/as utilizam em suas aulas é muito pequena.

Introdução

A problemática da pesquisa está em entender de que forma professores/as de Inglês de um curso de línguas estrangeiras consideram importante perceber (e se, de fato, percebem) a representação de pessoas não nativas[1] dentro do livro didático que utilizam com os/as alunos/as e quais as possíveis consequências que a (não) representação dessas pessoas pode trazer para estudantes brasileiros/as, compreendendo se esse fato é um ponto destacado pelos/as professores/as em suas aulas.

Materiais e Métodos

Esta pesquisa é do tipo etnográfica e o instrumento utilizado para a geração dos dados, foi a entrevista de grupo focal. Para André (1995, p. 28), uma pesquisa é do tipo etnográfica quando ela utiliza-se de alguns instrumentos da etnografia, tais quais: observação, entrevista e análise documental. Nesse trabalho, utilizo a entrevista (de grupo focal). Dessa forma, a presente pesquisa se encaixa nesse tipo, além de também manter interação entre pesquisadora e pesquisados/as.

O grupo focal em si é, de acordo com Gondim (2003, p. 151), uma técnica “intermediária entre a observação participante e as entrevistas em profundidade.”.

[1] A nomenclatura “não nativo/a” não tem a intenção de subalternizar esse/a falante. Assim como a nomenclatura “nativo/a” não pretende colocá-los/as como “donos/as” da língua. (Conferir crítica feita por Rajagopalan, 2011, p. 49 e 50). Apenas, tem o intuito de nomear as pessoas que nasceram ou não nasceram em países que possuem o Inglês como língua oficial.

Porém, o/a entrevistador/a tem um papel e uma abordagem diferenciadas, pois ele/a exerce a função de facilitador/a no processo da discussão, bem como, assume um papel mais diretivo. Visto que, o/a moderador/a pode fazer intervenções (GATTI, 2005, p. 9), a fim de manter os objetivos do trabalho.

Gatti (2005, p. 7), afirma ainda que os/as participantes de um grupo focal devem possuir alguns elementos em comum e conhecimentos prévios sobre o tema a ser discutido. Os/as participantes desse trabalho são todos/as docentes de Inglês de um mesmo centro de línguas. Portanto, compartilham dessas mesmas características.

Resultados e Discussão

A seguir, os dados das entrevistas de grupo focal, a fim de responder à pergunta proposta

"Você vê que tem um sotaque diferente falando": pessoas não nativas no LD

Extrato 13	*Sim, algumas vezes aparece, em alguns exercícios aparece, é... alguém que tem...você vê que tem um sotaque diferente falando, fala alguma coisa diferente e tal então, só que não é muito, é bem pouco, sabe? (Professora 1/entrevista de grupo focal com professoras/19-04-2018).*
Extrato 14	*É... eu não consigo lembrar assim de alguma... algum exercício ou alguma coisa... que mostre assim, é... seria é... algum estrangeiro falando... eles mesclam, na verdade, é... só mais um Inglês britânico e o americano que eu me lembro em algumas atividades, só isso... (Professora 2/entrevista de grupo focal com professoras/19-04-2018).*

Como vemos, a professora 1 afirma que a representação de pessoas não-nativas no livro didático é bem pequena e a professora 2 ainda afirma que o livro mantém uma visão bem dicotômica da língua. Essa visão dualista do Inglês também foi ressaltado por Raposo (2014, p. 103), em sua dissertação ao analisar um livro didático de Língua Inglesa. A autora afirmou que é possível encontrar ocorrências em que a cultura norte-americana ou a britânica aparecem como cultura global, ou seja, como padrão.

Respondendo à mesma questão[2] da entrevista de grupo focal, os professores, afirmam que essa representação existe, mas é bem esporádica, conforme vemos nos extratos abaixo:

[2] Você percebe, no livro didático que utiliza, a representação (em imagens ou textos) de pessoas que não são falantes nativos de Inglês? Justifique.

Extrato 15	*(...) o livro 1 eu conheço bem mais que os outros. É... tem bastante atividades que são... mexicanos falando Inglês, são pessoas de outros... outras nacionalidades falando Inglês. É... não é uma coisa frequente, mas você consegue perceber a diferença de sotaque entre um e outro. (...) Então... e tem bastante, tem uma unidade que é só de nacionalidades, então tem as pessoas falando com diferentes sotaques em Inglês. (...) Acho que não é uma coisa frequente, pelo menos no nível 1, mas... tem assim, é uma coisa que a gente consegue ver. Que eu lembro assim muito... gente do México, da Espanha falando Inglês, Brasil... se não me engano, tinha alguém da Austrália que é um sotaque bem diferente também... (Professor 1, entrevista de grupo focal com professores/27-04-2018)*
Extrato 16	*É... tem, como o (professor 1) falou não é muito frequente. Tem algumas, algumas partes. Só que o que eu fico meio assim é porque não são contextos reais de fala, por exemplo, eles não gravam uma pessoa falando no momento, ao vivo, por exemplo, é tudo feito em estúdio tudo que você vê lá, por exemplo, "ah é um espanhol", realmente, eles pegam alguém com um sotaque é... falando Inglês com um sotaque espanhol, por exemplo, tem. Alguém tá falando Inglês com um sotaque brasileiro, tem. Só que é tudo em estúdio, tudo controlado e tudo mais. E isso só no livro 1, a partir do livro 2 isso já começa a diminuir um pouco..., o segundo livro... O terceiro eu não cheguei a ver, mas o segundo que eu vi ele já começa a diminuir um pouco e assim por diante. O que tem bastante é a diferença entre o Inglês norte americano e o Inglês britânico, mas é assim. (Professor 2, entrevista de grupo focal com professores/27-04-2018)*

Como vemos, o professor 1 traz mais a visão do livro 1, que é o livro que ele mais conhece. E o professor 2 já traz a visão do livro 2 e afirma que os livros vão diminuindo as representações de pessoas não-nativas. Outra afirmação feita pelo professor 2, que é a mesma feita pela professora 2 é de que há muita ênfase nas diferenças entre o Inglês britânico e o norte-americano. Essa dualidade também foi observada por Miranda (2015, p. 97), em um dos livros que ela analisou em sua dissertação. A autora mostra que no livro em questão, há na capa as bandeiras dos Estados Unidos e do Reino Unido, demonstrando as variedades e culturas, possivelmente, mais contempladas na coleção.

Conclusões

Nessas entrevistas, foi possível perceber que, na visão dos/as professores/as, a representação de pessoas não nativas, no livro didático que eles/as utilizam, é bem pequena. O que mais ocorre é a alternância entre o Inglês estadunidense e o Inglês britânico.

Agradecimentos

À minha orientadora, aos/às docentes que participaram da pesquisa e à agência de financiamento CAPES.

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas.** Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos Focais como técnica de investigação Qualitativa: Desafios metodológicos. **Paideia.** V. 12, n. 24, p. 149-161, 2003.

MIRANDA, Fernanda de Cássia. **Análise de coleções didáticas indicadas pelo PNLD para o Ensino Médio, sob a perspectiva do ILF.** 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

RAJAGOPALAN, Kanavilil. O "World English" – Um Fenômeno Muito Mal compreendido. In: GIMENEZ, Telma; CALVO, Luciana Cabrini Simões; EL KADRI, Michele Salles; (Orgs.). **Inglês como Língua Franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. Campinas, SP: Pontes, 2011, p. 45-58.

RAPOSO, Fernanda Gurgel. **MULTILETRAMENTOS, DIVERSIDADE E INCLUSÃO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA INGLESA LINKS**. 2014. Dissertação, Mestrado em LETRAS: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, São Cristóvão, 2014.